

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII

N.º 626

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

ARCINDO

O FILHO do TRAPEIRO

Por MARIA ARCHER



Luiz, que era filho dum trapeiro, encontrou na sacola do pai um alfarrábio com gravuras. E que lindas gravuras! Coloridas, sedosas, cheias de senhores vestidos de veludo, bordado a ouro, empunhando espadas flamejantes de pedrarias, com cabeleiras de caracóis, e chapéus de plumas! E todos eles eram príncipes, duques, marqueses, condes, barões...

O Luiz maravilhava-se sempre que folheava o alfarrábio magnífico.

Um dos personagens principalmente, seduzia-o

Era o príncipe de Conde, um flustre fidalgo francês, que deixou nome na História pelos feitos de armas e a grandeza do seu ânimo. O Luiz gostava de vêr o retrato dêle e de lêr as páginas que o alfarrábio lhe dedicava, com descrições de batalhas, casos da cõrte, e aneddotas, muitas aneddotas engraçadíssimas

Uma delas contava assim:

O príncipe, que era muito modesto no seu falar (como são sempre as pessoas de valor), recebeu em sua casa a visita dum homem muito rico, muito vaidoso, e muito amigo de alardear grandezas. O vaidoso começou logo a falar de si (como é costume das pessoas presumidas) e também dos membros da sua família. E, para se engrandecer, ao falar do pai, da mãe, e do tio, dizia sempre: «O senhor meu pai, a senhora minha mãe, o senhor meu tio...». Dizia-o como uma maneira de mostrar que a família dêle era de tal modo valiosa e importante que merecia um tratamento de cerimónia, mesmo na ausência.

Condé aborreceu-se muito de ouvir aquele estendal de vaidades; e, quando a visita estava para se ir embora, querendo castigá-la pela sua soberba, o príncipe disse para o criado:

—«Senhor meu lacaio, diga ao senhor cocheiro que leve êste meu amigo no senhor meu coche com quatro senhores cavalos...».

O Luiz ria sempre, ao lêr a divertida aneddota. Aquela idéa dos «senhores cavalos» ficava-lhe no pensamento. Imaginava a cara do tal vaidoso ao ouvir o príncipe. Devia ter ficado furibundo...

Ora, daí a dias, o Luiz começou a andar muito triste. Não saía a brincar pela rua, não corria pelo jardim, não ria com os outros rapazes. A mãe receava vê-lo adoecer;

mas não, o caso não era de doença, era de tristeza. O Luiz escondia no coração alguma mágoa profunda!

Sim, diga-se a verdade! Os condiscipulos faziam troça dêle! E porquê? Porque o Luiz, coitado, era filho dum pobre trapeiro!

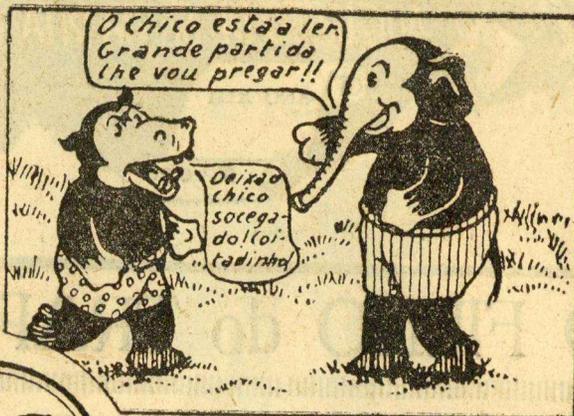
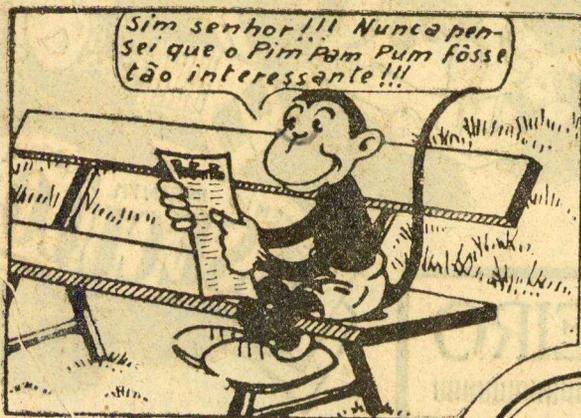
E o Luiz sofria por se vêr troçado, insultado, e mesmo desprezado. Era o mais pobre da escola, o mais humilde, o mais mal vestido; mas tinha, acaso, culpa disso? A gente não escolhe os pais, quando nasce; e o Luiz, que adorava o



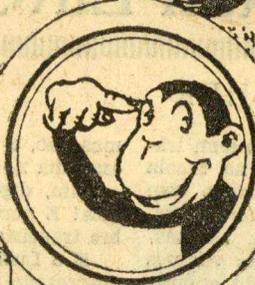
Continuação Pág. 4

ARCINDO

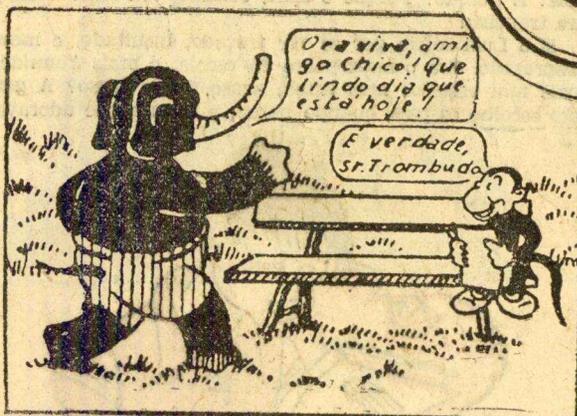
JUSTO CASTIGO



Chico Larico lê um dos contos do «Pim-Pam-Pum».



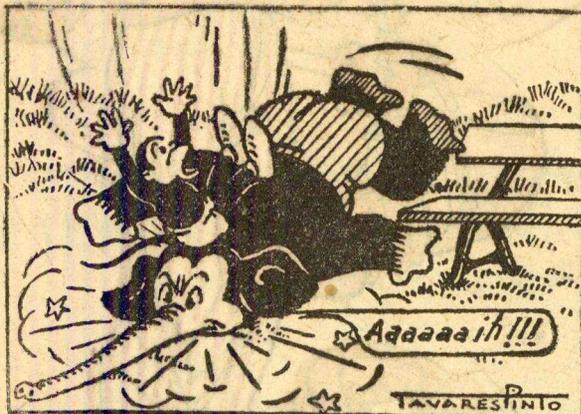
Mas, como é muito abelhudo, o elefante Trombudo



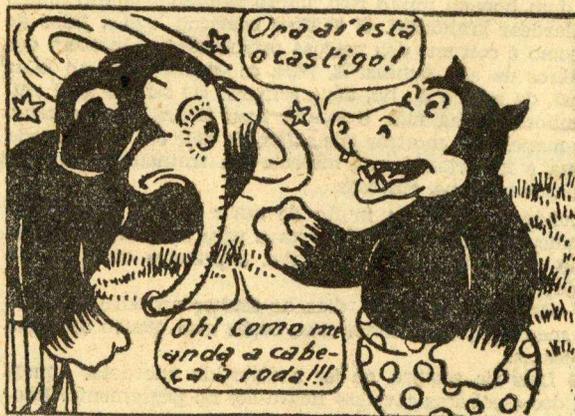
Vai ter com Chico macaco e diz-lhe muito velhaco:



— «Vou-me sentar, com licença!...» Mas, entretanto, não pensa



que, atirando o Chico ao ar, havia de focinhar!...



O que para nós não queremos, a ninguém fazer devemos.



O CESTINHO DA COSTURA



SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Cedendo o seu engraçado fatinho para servir de modelo às «vossas filhas» foi a Mimi bem gentil, pois, de novo, voltou ela, hoje, a enviar, como modelo, um lindo casaco e chapelinho que constituem o seu maior luxo!

Feito em flanela encarnada e enfeitado com flanela azul escura, fica ca-tita a valer.

A flanela azul escura, faz a gola, os punhos, o cinto e os virados das algibeiras.

Em vários moldes de casaco que tenho publicado, encontrarão vocês o corte do casaco de hoje, tendo apenas, de cortá-lo um pouco mais comprido, segundo o tamanho da boneca.

O casaco abotôa com molas, mas umas pequeninas rodela de feltro azul, prêsas com uns nózinhos de *filoselle* encarnada, formando uns falsos botões, dão muita graça ao casaco.

O chapéu pode ser feito com uma tira a direito, cosida atrás e franzida em cima, terminando com uma carapeta de feltro azul.

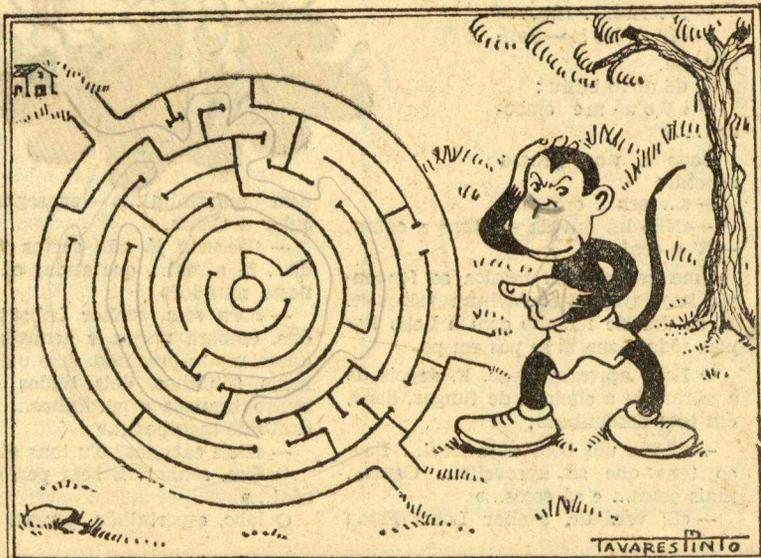
Dois botõezinhos iguais ao casaco, enfeitam-no graciosamente.

Vossa

Abelha Mestreira

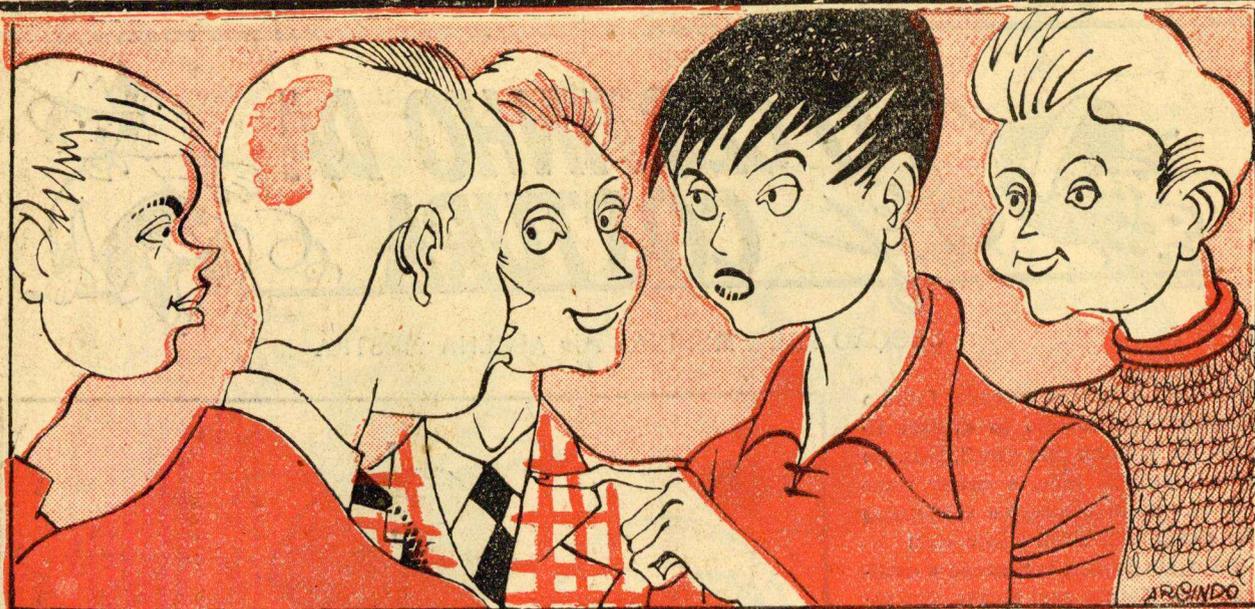


L
A
B
I
R
I
N
T
O



Chico Larico quer ir visitar o seu amigo Zé Mono mas não sabe qual o caminho que deve seguir. Vejam os meninos se lhe podem dar uma indicação segura.

TAVARES PINTO



O FILHO do TRAPEIRO

(Continuado da página) 1

seu pai, não trocaria por nenhum milionário, mesmo que pudesse escolher outro.

Mas todos os seus condiscípulos tinham nascidos filhos de empregados no comércio, de lojistas, de operários... Só o pai dele era trapeiro...

O mais velho da classe, filho dum doutor, mostrava-se o mais feroz perseguidor do Luiz. Estava sempre a chamar-lhe «trapeiro» e a falar na categoria das pessoas que iam a casa do seu pai, o tal doutor afamado.

—«Ah! — (dizia o Luiz) — se eu pudesse responder-lhe como o príncipe de Condé. Era o que aquele malvado merecia!

Ora, um dia, soube-se que o pai dêsse pateta fizera um desfalque importante e estava prêso por gatuno; e logo, dias depois, o trapeiro, o pai do Luiz, foi muito louvado nos jornais porque, tendo achado uma carteira cheia de contos de réis, num caixote do lixo, a entregára ao dono, com a maior honradez.

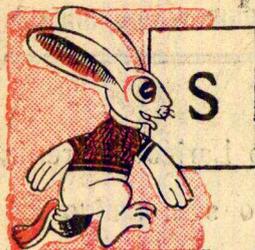
Mas o menino presumido aproveitou a ocasião para desdenhar do Luiz.

—«Olha que asneira! (dizia êle.) Entregar a carteira ao dono! O que se acha é nosso, pertence-nos... Porque teu

(Continua na página 8)

CABRA ALVINHA E LOBO PAPÃO

POR LEONOR de CAMPOS



ENHORA Cabra Alvinha olhou em volta de si. A erva, crestada pela geáda, estava ressequida, com má aparência.

Alvinha torceu o nariz e olhou para mais longe.

—«Olá! — exclamou. — Ali, naquele môrro, há boa erva, segundo parece. Vamos em exploração!...»

E afastou-se do rebanho, muito sorrateira.

Mas, ao chegar ao môrro, nova desilusão. O que de longe aparentava ser boa erva, daquela que parece dizer: «papa-me!», não passava de musgo a forrar rochedos.

—«São musgos!... Maldição!» — bradou a Alvinha.

Mesmo atrás de si, ouviu uma voz grossa:

—... são... são...»

—«E' o éco!» — pensou ela.

E, de novo baliu:

—«Vou-me embora!...»

Logo a voz grossa repetiu:

—«... ora... ora...».

—«Não há dúvida — disse a cabra, — E' o éco!»

Uma gargalhada irônica se fez ouvir imediatamente. Alvinha voltou-se. E, ao dar de focinho com o Lobo Papão, tôda a sua lâ se pôs em pé.

O Lobo aproximava-se. E, depois de a mirar, de a cheirar, de fungar, disse, em tom desdenhoso:

—«Estás um bom esqueleto!... Pouco tens que se aproveite... Ossos... mais ossos... e só ossos...»

—«E' verdade, senhor Lobo. Estou



bem magrinha!...» — conseguiu articular a Cabra.

—«Decerto já não serves para nada... E, afinal... que andas cá a fazer neste mundo?»

—«Ora essa, senhor Lobo?!... Olhe que, embora magra e acabada, tenho ainda muito préstimo. Que o digam os meus filhinhos, dois lindos cabritos, muito brancos e gordinhos... Um encanto de meninos!...»

—«Dois cabritos? Tu tens disso?»

—Sim, senhor. E bem perfeitos que são!...»

O lobo, espertalhão, pensou logo:

CONCURSO: — Grandes de Portugal

Publicamos, hoje, a lista completa dos premiados no interessante concurso que tão grande êxito obteve. Resolvemos, como vêem, instituir mais um prémio; o 4.º para as cadernetas artísticas, correspondendo, assim, ao interesse manifestado pelos nossos concorrentes. E' composto, também, por 1 livro de contos infantis, profusamente ilustrados.

Os concorrentes premiados e os que obtiveram menção honrosa deverão enviar fotografias, a-fim-de serem publicadas no nosso suplemento. Os prémios serão brevemente entregues aos concorrentes.

1.º PRÉMIO GERAL (tirado à sorte, entre os concorrentes que adivinharam tôdas as figuras); Francisco de Sousa Reina, Matozinhos.

1.º PRÉMIO (totalistas): Maria Margarida dos Santos Matroco, Évora.

2.º PRÉMIO (totalistas): Maria José Borges de Almeida, Coimbra.

3.º PRÉMIO (totalista): Carlos Filipe Cotter Moreira, Cascais.

MENÇÕES HONROSAS: Artur Luís Almeida Teixeira de Vasconcelos, Setubal; Carlos Jaime Moita dos Santos,

MENÇÕES HONROSAS: Alberto Fernandes Abreu Malheiro, Lisboa; Amílcar Castanheira de Barros, Fundão; Amílcar Ponte de Abreu, Arraiolos; André Correia Mendes, Lisboa; Angelo Neves Aguas, Lisboa; António Joaquim Coelho Ventura, Elvas; Artur Xavier da Mata Santos Boavida, Orca; Capitolina Morgado, Coimbra; Daniel Roque Ribeiro, Mora; Eulália Neves Sequeira, Lisboa; Frederico Alberto Saraiva, Lisboa; João Gualdino Pereira, Guimarães; José da Costa Pereira, Lisboa; José Lourenço, Lisboa; José Maria Cabalheiro Macias, Amareleja; Luisa da Glória de Carvalho Pinto, Castelo de Vide; Maria Adelina Flores de Oliveira, Figueira da Foz; Maria Delfina Lucas de Vilhena, Lisboa; Maria Fernanda Travassos Valdez, Sintra; Maria Graciete da Silva Soeiro, Figueira da Foz; Maria Helena Monteiro Fortuna, Loures; Maria Helena Sans da Silva, Lisboa; Maria Isabel Garção de M. Soares, Lisboa; Maria Isabel dos Santos Lima, Pôrto; Maria José Marques da Silva, Lisboa;

Maria Júlia Rola, Carcavelos; Maria Libania Calapez Correia, Odemira; Maria de Lourdes Lopes, Lisboa; Maria Lucília Mendes de Abreu, Algés; Maria Luísa Calheiros Veloso de Sampaio, Covilhã; Octávio Domingues Ferreira, Pinhel; Paulo Andrade de Almeida, Fornos de Algodres; Pedro de Lemos Louceiro, Souzel; Telmo Coutinho de Macedo Pereira, Lisboa; Vítor Manuel de Oliveira Fontes, Amadora; Virgínia Assunção Nunes Martins, Lisboa; Zelinda Rosa Graça Ruas, Cuba.

Damos, também a relação dos concorrentes que adivinharam a totalidade das figuras, e que obtiveram menção honrosa.

TOTALISTAS (concorrentes que adivinharam tôdas as figuras): Abel Carlos Vieira da Ponte, Sintra; António Joaquim Coelho Ventura, Elvas;

Torres Novas; Joaquim Simões Metanio Jesus, Condeixa; José Amado, Azarede; Maria Lídia Assunção Lobo, Lisboa; Raul Silva Pereira, Lisboa.

1.º PRÉMIO (artísticas): Carlos de Sousa, Lisboa.

2.º PRÉMIO (artísticas): Maria de Lourdes Vieira Cayolla, Lisboa.

3.º PRÉMIO (artísticas); Adalberto Gens da Costa Simões, Lisboa.

4.º PRÉMIO (artísticas): Maria Emília da Costa Severino, Castelo Branco.

Armando dos Santos Hipólito, Caldas da Rainha; Artur Luís Almeida Teixeira de Vasconcelos, Setúbal; Carlos Moreira, Cascais; Carlos Jaime Moita dos Santos, Torres Novas; Carlos de Sousa, Lisboa; Celestino Alberto Nunes Duque, Lisboa; Daniel Roque Ribeiro, Mora; Délia do Carmo Henrique de Sousa, Abrantes; Amélia Santana Ventura, Coimbra; Fernando António de Sousa Chaves, Lisboa; Francisco de Sousa Reina, Matozinhos; João Fernandes, Seia; Joaquim Simões Melânio Júnior, Condeixa; José Amado, Azarede; José Carlos Telo, Vizeu; Manuel Neves Araujo, Fratel; Maria Antonieta Araujo, Lisboa; Maria Bárbara Beça Centeno, Pôrto; Maria Helena Sans da Silva, Lisboa; Maria José Eorges de Almeida, Coimbra; Maria Lídia Assunção Lobo, Lisboa; Maria Margarida dos Santos Matroco, Évora; Maria Virgínia Carrilho Ferreira, Lisboa; Pedro Baptista da Cruz, Fratel; Raul da Silva Pereira Lisboa; Rui Sertório Cordeiro Veloso Lisboa.

Cabra Alvinha e Lobo Papão

(Continuada da pág. 5)

Mas, a-pesar-de tôdas as precauções, o pastor reparou que se afastava a Alvinha com os seus cabritos. Sem que ela o pressentisse, foi-lhe no encalço, levando bem agarrado na mão um grosso cajado.

E ao vêr, de longe, o Lobo, a afiar os dentes numa pedra, compreendeu tudo. A correr, deu uma volta por detrás do môrro e... meus amiguinhos, aquilo é que foi uma festa!... Trabalhou o cajado no lombo do Lobo...

E o cajado a malhar...
A Cabra Alvinha a balir...
O senhor Lobo a berrar...
Os cabritos a fugir...
O bom pastor a gritar,
sempre a bater e a rir...
Foi uma festa de estrondic,
que não esqueceu mais, nãc
aos cabritinhos, à Alvinha,
nem ao dom Lobo Papão!...



A AMBICÃO DUM MENINO PRECOCE

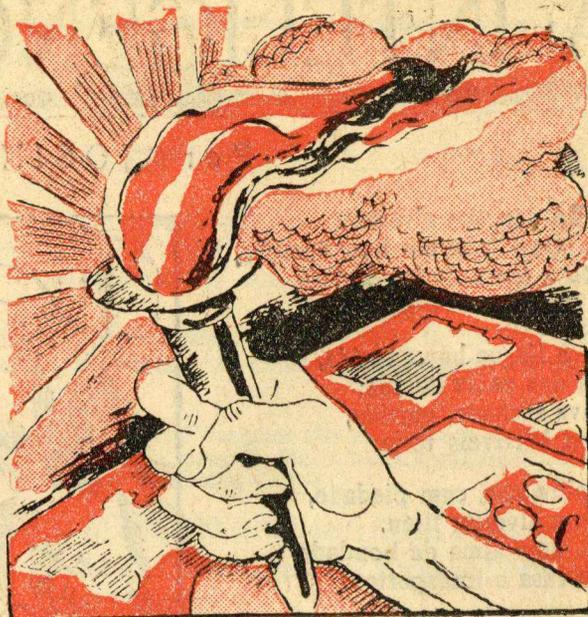
POR AUGUSTO de SANTA-RITA

— « **M** AI, como a vida é linda !... Quando eu fôr um homem, um senhor como o papá, não quero ser uma pessoa fútil como tantas há ! Hei-de ser útil, útil, muito útil ao meu País ! Quero fazer o Eem, tornar feliz a Pátria, nossa Mãe !

Hei-de estudar a forma de tornar tôda a gente contente, espalhando a Alegria em cada lar.

Sim ! Hei-de vir a ser legislador se Deus quiser, proporcionando a todos bom viver, tornando a Vida social melhor.

Hei-de facilitar a tôda a gente, que fôr inteligente, meios de progredir e, em suma, garantir a todo o que produz um ridente provir. Conduzirei na mão a lâmpada do Amor.



— lanterna da Razão —
para levar a luz
a tôda a escuridão,
seguindo os bons exemplos
de Jesus !

Hei-de mandar abrir muitas escolas,
igrejas, hospitais e outros templos;
darei fartas esmolos
a quem pede;
vestindo todos os nús
e a todos matando a séde !

Aos artistas darei o justo prémio
do seu talento criador, fundando
um cenáculo de Arte, a Séde, o Grémio
onde passam, em paz, ir realizando
seus belos sonhos de Eleza eterna !
Darei a todo o lavrador sementes,
um arado, uma enxada, uma cisterna...
E hei-de ver, hei-de ver todos contentes !»

Subitamente, cala-se o menino.

Fica a sorrir a Mãe, num doce enleio.

E apertando-o, depois, de encontro ao seio,
diz-lhe : — «Deus te reserve êsse Destino,
porque a Pátria, meu filho, bem merece
o Eem que lhe desejas !
Deus escute, no céu, a tua prece !
Bendito sejas !»

O FILHO DO TRAPEIRO

(Continuado da página 5)

pai é um idiota é que tu andas um maltrapilho, com os sapatos róticos... Vê-se logo que és filho dum trapeiro...»

O Luiz, de repente, lembrou-se de que uma boa resposta é a melhor das desafrontas. Ah ! se êle achasse uma tão boa como a do príncipe de Condé !

— «E não só é um idiota, o teu pai (continuou o outro), é um verdadeiro burro...»

O Luiz, então, foi dizendo:

— «E' possível... Eu, às vezes, tenho a impressão de que, antes de nascer, fui burro... mais o meu pai...»
Gargalhada geral.

— «E onde? No outro mundo?» — dizia o menino mau.

— No outro mundo, talvez! (respondeu o Luiz). Mas não me lembro bem... Olha, na terra em que o meu pai foi burro, diziam que o teu pai era um ladrão...»

